

---

## Como se faz jornalismo regional? a percepção dos jornalistas de Imperatriz-MA<sup>1</sup>

Thays Assunção REIS<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

### RESUMO

Este artigo apresenta a análise de 17 entrevistas com jornalistas de Imperatriz, no Maranhão, sobre a produção jornalística regional, isto é, aquela voltada para as cidades da região (REIS, 2018). As entrevistas foram realizadas entre os meses de fevereiro e março de 2019 com profissionais dos dois jornais impressos existentes na época – *O Progresso* e *O Correio*; e com três emissoras de televisão - *TV Difusora Sul* (afiliada ao SBT), *TV Mirante* (afiliada à Rede Globo) e *TV Nativa* (afiliada à Rede Record TV). Os resultados apontam para a presença de diferentes escalas de notícias no trabalho jornalístico, tendo destaque a notícia local-regional, a qual denominamos ‘notícia polarizadora’. O WhatsApp aparece como uma das principais ferramentas utilizadas pelos jornalistas para apuração e construção da notícia a distância, por meio de mensagens de texto, áudios, vídeos e fotos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo regional; Jornalistas; Imperatriz; Maranhão.

### INTRODUÇÃO

Perante o cenário de desertificação midiática, de fechamento de veículos jornalísticos, encolhimento das equipes, corte de despesas e diminuição da cobertura local no Brasil (MICK; CHRISTOFOLETTI; LIMA, 2021), é válido conhecer como é realizada a produção noticiosa que cobre, além da cidade sede do veículo, as localidades da região. É nas cidades médias não metropolitanas (ou centros regionais) que essa prática, conhecida de jornalismo regional, se realiza e ganha destaque.

O desenvolvimento do jornalismo regional nas cidades médias está ligado ao processo de desconcentração dos meios de comunicação de massa fora do eixo da mídia nacional, situado na região Sudeste/Centro-Oeste, entre os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal (FADUL, 2006). Ao avançar para outras regiões do país, os meios foram se instalando nas capitais estaduais e/ou nas cidades médias do interior.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (PPGCOM/UFT), e-mail: [thays.jornalista@gmail.com](mailto:thays.jornalista@gmail.com).

---

Em decorrência desse processo, observa-se hoje nos centros regionais a presença de mídias mais sustentáveis e influentes, como as estações de rádio, sucursais de grandes emissoras de televisão, os estúdios para produção de programação local de TV a cabo, os jornais diários, os semanários e mensários com recursos gráficos e editoriais de mais alto padrão e maior circulação que conseguem atender à demanda por notícia e informação do lugar imediato em que estão sediadas (local) e/ou da sua área de influência (região) (DEOLINDO, 2016).

Com base nisso, este artigo examina a percepção dos jornalistas da cidade média de Imperatriz, localizada no sudoeste do Maranhão, sobre a produção jornalística regional. Nosso objetivo é conhecer e caracterizar a rotina de trabalho envolvida no atendimento e cobertura das cidades da região.

Para atingir o objetivo proposto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 17 jornalistas atuantes em redações de veículos imperatrizenses, sendo 3 (três) do jornal *O Progresso*, 4 (quatro) do jornal *Correio*, 4 (quatro) da *TV Difusora Sul* (afiliada ao SBT), 3 (três) da *TV Mirante* (afiliada à Rede Globo) e 3 (três) da *TV Nativa* (afiliada à Rede Record TV).

O texto segue dividido em cinco partes: essa introdução; a base teórica sobre jornalismo regional; a descrição da metodologia; os resultados e discussões, e, por fim, nossas considerações.

## **SOBRE O JORNALISMO REGIONAL**

O jornalismo regional pode ser entendido como uma prática que acontece em uma microrregião, mesorregião, em um estado ou uma macrorregião brasileira e caracteriza-se, dentre outros aspectos, pela: “[...] maior proximidade geográfica dos fatos que reportam, com os leitores que privilegiam e com as fontes às quais dão voz; e a forte identidade sociocultural e político-econômica com os territórios que circulam” (AGUIAR, 2016, p.17).

De forma mais específica, compreende uma atividade desenvolvida por veículos jornalísticos sediados em cidades médias não metropolitanas, cuja produção noticiosa extrapola os limites territoriais do município e contempla informações de outras localidades da região (REIS, 2018). Esse tipo de atuação, segundo Peruzzo (2005), passou a ter maior incidência no Brasil na década de 1990 quando as emissoras de televisão

---

começaram a se preocupar em cobrir jornalisticamente as cidades vizinhas e não apenas as cidades-sede da estação geradora.

Além da TV, outros meios de comunicação no país também assumiram uma produção jornalística regional. Um exemplo é o jornal Folha de São Paulo que publica edições regionais desde 1990 nas cidades de Ribeirão Preto e Campinas, e o portal de notícias das Organizações Globo, o G1.com, que criou a seção G1 Regiões em 2011 para noticiar eventos ocorridos em várias partes do país. (PINTO, 2015).

Essas e outras iniciativas, conforme Deolindo (2013), preenchem a lacuna de informação deixada pela prática jornalística nacional e estadual referente à multiplicidade de acontecimentos que ocorrem no país. Os jornais regionais e locais, juntamente com os portais de notícias regionais, “publicam notícias de interesse direto e próximo da comunidade, ao mesmo tempo em que reproduzem informações dos grandes centros para manter o público informado do que se passa [lá fora]” (DEOLINDO, 2013, p. 7-8).

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para a realização desta pesquisa adotou-se uma abordagem qualitativa, com o emprego de entrevistas semiestruturadas (DUARTE, 2005). Foram realizadas 17 entrevistas com jornalistas inseridos nas redações dos dois jornais impressos existentes na época da pesquisa (*Correio e O Progresso*) e de três emissoras de televisão (*Mirante, Nativa e Difusora Sul*). Selecionamos profissionais de diferentes perfis com o objetivo de enriquecer a compreensão sobre o jornalismo regional. Desse modo, construímos uma amostra formada por jornalistas: a) com e sem formação superior em Jornalismo; b) com tempo distinto no exercício da profissão; c) envolvimento diferente na produção de notícias – repórteres, apresentadores, editores, produtores e cargos de direção. O quadro 1, a seguir, sistematiza as informações sobre o perfil dos jornalistas que participaram da pesquisa.

As entrevistas ocorreram de modo presencial entre os meses de fevereiro e março de 2019 na cidade de Imperatriz e foram guiadas por um roteiro (ou tópico guia, nas palavras de Gaskell, 2003) com 14 questões envolvendo o sistema de opiniões sobre as notícias locais e regionais, motivações e experiências no processo de seleção, tematização e cobertura jornalística dos municípios da região de Imperatriz.

Todas as conversas foram gravadas com o gravador de voz do celular e transcritas posteriormente com o auxílio do programa MaxQDA. O tempo das entrevistas variou de

acordo com os profissionais, alguns detalharam as respostas às questões, enquanto outros foram mais sucintos – na média, as entrevistas duraram 30 minutos.

Quadro 1 – Perfil dos jornalistas entrevistados

| ENTREVISTADOS | IDADE | SEXO      | TEMPO COMO JORNALISTA | FORMADO EM JORNALISMO | OUTRA FORMAÇÃO     | EMPRESA            | FUNÇÃO                      |
|---------------|-------|-----------|-----------------------|-----------------------|--------------------|--------------------|-----------------------------|
| J1            | 54    | Masculino | 35 anos               | Não                   | Pedagogia          | TV Mirante         | Coord. de Jornalismo        |
| J2            | 56    | Masculino | 25 anos               | Não                   | Não                | Jornal Correio     | Repórter Policial           |
| J3            | 30    | Masculino | 6 anos                | Sim                   | Não                | TV Mirante         | Produtor e Repórter         |
| J4            | 54    | Masculino | 32 anos               | Não                   | Não                | Jornal Correio     | Editor de Esporte           |
| J5            | 57    | Masculino | 35 anos               | Não                   | Não                | Jornal O Progresso | Editor Geral                |
| J6            | 36    | Masculino | 9 anos                | Sim                   | Não                | TV Difusora        | Repórter                    |
| J7            | 27    | Feminino  | 6 anos                | Sim                   | Não                | Jornal Correio     | Repórter                    |
| J8            | 55    | Masculino | 34 anos               | Não                   | Não                | TV Nativa          | Apresentador                |
| J9            | 51    | Masculino | 33 anos               | Não                   | Teologia           | TV Difusora        | Apresentador                |
| J10           | 27    | Feminino  | 2 anos                | Sim                   | Não                | TV Difusora        | Diretora de Jornalismo      |
| J11           | 73    | Masculino | 28 anos               | Não                   | Ciências Contábeis | Jornal O Progresso | Editor de esporte e polícia |
| J12           | 28    | Feminino  | 5 anos                | Sim                   | Não                | TV Difusora        | Produtora                   |
| J13           | 24    | Feminino  | 3 anos                | Sim                   | Não                | Jornal Correio     | Editora geral               |
| J14           | 34    | Feminino  | 12 anos               | Sim                   | Não                | TV Mirante         | Repórter                    |
| J15           | 50    | Masculino | 31 anos               | Não                   | Economia           | TV Nativa          | Repórter                    |
| J16           | 41    | Feminino  | 22 anos               | Não                   | Geografia          | TV Nativa          | Diretora de Redação         |
| J17           | 56    | Masculino | 26 anos               | Não                   | Direito            | Jornal O Progresso | Repórter                    |

\* Na época da entrevista

Fonte: A autora com base em pesquisa de campo

A partir das transcrições conseguimos ter um panorama dos pontos tratados nas entrevistas e, assim, realizar o processo de codificação aberta das respostas. Tal procedimento, conforme Flick (2004), consiste em aproximar os fenômenos descobertos e expressá-los na forma de “conceitos” (categorias). Neste estudo, os resultados das entrevistas foram agrupados em duas categorias analíticas: a) classificação da notícia e b) rotinas de trabalho na cobertura regional.

## RESULTADOS

Consideradas unidades básicas da informação do jornalismo (Filho, 2012), as notícias podem ser classificadas de diferentes formas – pela relevância social (*hard news* e *soft news*), pelo tempo em que ocorrem (factuais e não-factuais), pelo tema (política, cultura, esporte, etc.) e pelas escalas geográficas (local, regional, estadual, nacional). Diante essas possibilidades, quando investigamos a notícia local e regional não encontramos definições precisas dos termos na literatura acadêmica. Geralmente são usados em referência a limites territoriais. Mas seria apenas isso? O que os jornalistas,

---

em suas práticas cotidianas, pensam sobre o assunto? Eles veem diferença entre as notícias locais e regionais? Sobre estes aspectos comentamos a seguir.

É consensual entre os jornalistas entrevistados que as notícias locais não são iguais às regionais no processo produtivo, mas as distinções entre elas são percebidas de forma diferente pelos profissionais. Alguns consideram o ‘local’ como a cidade, no caso Imperatriz, e o ‘regional’ como outras cidades do Maranhão e até mesmo de outros estados. O comentário do jornalista 2, do jornal *Correio*, ilustra essa percepção: “As notícias locais são aquelas que acontecem aqui mesmo em Imperatriz, e da região são das outras cidades” (J2, Jornal *Correio*, 2019).

Os entrevistados J4, do jornal *Correio*, e J5, do jornal *O Progresso*, também compartilham do mesmo entendimento: “A notícia local é basicamente da cidade, de Imperatriz no caso, aonde nós estamos. E a regional é do estado ou até mesmo uma região, pegando outros estados” (J4, jornal *Correio*, 2019). “Quando a gente trata de local é da cidade, as notícias de Imperatriz. Regional a gente trata mais as notícias de cidades da região ou mesmo do estado” (J5, Jornal *O Progresso*, 2019).

No caso da notícia regional, identificamos em algumas declarações uma delimitação mais precisa, associada tanto à região Tocantina<sup>3</sup> quanto a do Bico do Papagaio<sup>4</sup>. “As notícias locais são aquelas mais focadas na nossa cidade. [...]. Regional a gente já amplia um pouco mais até essa região do Bico do Papagaio, a região Tocantina” (J7, Jornal *Correio*, 2019). Na mesma linha, o jornalista 8, da TV Nativa, afirma:

Eu defino a notícia local como aquela do interesse do cidadão de Imperatriz. [...] É uma notícia que versa muito sobre educação, transporte municipal, segurança, as questões de ordem social, do dia a dia do cidadão que mora na periferia. [...] Já a notícia regional diz respeito às informações, no nosso caso, dos estados vizinhos como no caso do Bico do Papagaio, no Tocantins, parte do sul do estado do Pará, ou das cidades aqui do lado, Açailândia, São Pedro da Água Branca, Amarante, Estreito, entre outras (J8, TV Nativa, 2019).

Fora o aspecto territorial, alguns dos jornalistas diferenciaram a notícia local da regional a partir do impacto dos acontecimentos. Há notícias produzidas em Imperatriz que afetam apenas os moradores da cidade, por isso são locais, e há aquelas que atingem

---

<sup>3</sup> Formada por municípios do extremo norte do estado do Tocantins, o sul/sudeste do Pará e o centro-sul do estado do Maranhão (SOUSA, 2005).

<sup>4</sup> Microrregião do extremo norte do Tocantins, composta por 25 cidades.

---

tanto os imperatrizenses quanto as populações de outros municípios, são então regionais. Esta visão está expressa nos depoimentos a seguir:

A notícia local pra mim é a que interessa só para Imperatriz. Por exemplo, a gente faz uma matéria em um bairro, é de interesse só da população daqui. Mesmo as pessoas que não moram nesse bairro, elas se preocupam devido a questão da proximidade. Mas quem mora em Açailândia não tá preocupado com esse tipo de informação. Por outro lado, quando fazemos uma matéria do Ciretran ou do INSS, que atendem os municípios da região, ela é uma notícia regional, porque as pessoas das outras cidades são atendidas aqui. [...] Imperatriz é essa capital regional de serviços, então muitas coisas que acontecem aqui ganham uma dimensão regional porque são de interesse das cidades próximas (J3, TV Mirante, 2019).

A notícia local é aquela que acontece exatamente em Imperatriz e que atinge a população daqui. Notícia regional é a que pode acontecer em Imperatriz, mas impacta toda a região. Por exemplo, greve de funcionários no Socorrão é uma notícia regional porque ela vai atingir diretamente todo mundo que depende do hospital. Rua esburacada no Camaçari é notícia local porque vai atingir os imperatrizenses, necessariamente os moradores daquele bairro que estão precisando daquele espaço para trafegar. Tipo assim, as ruas esburacadas do Camaçari para quem mora em Davinópolis não interessa muito, mas uma greve de funcionários no Socorrão já interessa, pois é um hospital que atende pessoas de várias cidades do entorno (J10, TV Difusora Sul, 2019).

Frente a essas respostas, percebemos que a classificação geográfica das notícias, além dos limites territoriais, está relacionada à “implicação dos sujeitos”. Alsina (2009) assinala que toda notícia possui uma implicação sobre o destinatário, que pode variar de acordo com as peculiaridades pessoais dos indivíduos. Os tipos de implicação podem ser: 1) direta e pessoal (notícias que atingem diretamente o cotidiano do indivíduo); 2) direta e não pessoal (afeta o público de forma emotiva ou ideológica); 3) indireta (notícia sobre outro contexto de espaço e tempo ou pessoas que não afeta diretamente o indivíduo); 4) ausência de implicação (o público se sente indiferente à notícia) (ALSINA, 2009).

Associando esse entendimento com dois recortes espaciais – do estado (unidade da Federação) e da região de influência (Regic, 2018) a que pertence a cidade média – propomos uma classificação noticiosa em cinco principais escalas geográficas, utilizadas na análise de conteúdo posteriormente:

- a) **Notícias locais** – Compreende desde histórias e reivindicações dos moradores nos bairros a informações que interferem diretamente na vida cotidiana da população da cidade média, como por exemplo, saúde, educação, sistema de transportes, segurança pública, política local, questões econômicas, meio ambiente, planejamento urbano, cultura e lazer, etc.;

- 
- b) **Notícias locais-regionais** – Informações referentes a serviços, instituições, eventos e atividades que afetam ou envolvem tanto a população residente na cidade média quanto as que moram nos centros urbanos da sua região de influência;
  - c) **Notícias regionais** – Acontecimentos, demandas e reivindicações ligadas principalmente à ineficiência das gestões municipais (falta de atendimento em postos de saúde, problemas nas escolas, infraestrutura, etc.) das cidades da região de influência. Afetam diretamente as comunidades ali residentes;
  - d) **Notícias locais-estaduais** – Informações produzidas na capital estadual que atingem diretamente a vida de todos os habitantes do estado. Geralmente estão ligadas às ações e medidas do governo estadual;
  - e) **Notícias estaduais** – Fatos que ocorrem em cidades do interior do estado que não estão sob a influência da cidade média, nem ligadas a ações de governos, e que geram implicações diretas apenas a seus moradores.

Deste conjunto, um achado interessante são as notícias locais-regionais, aqui também chamadas de “notícias polarizadoras”. São informações geradas especificamente nas cidades médias não metropolitanas, que conseguem polarizar a produção jornalística local por estarem ligadas a **serviços urbanos** – saúde (hospitais e clínicas especializadas), educação (cursos de graduação e pós-graduação), comércio atacadista e varejista, serviços bancários, de gestão (administração pública) etc. – que atendem às populações da região; **instituições** – religiosas, sindicais, associações – que representam as populações das cidades do entorno regional; ou a **eventos e atividades** capazes de atrair pessoas, bens e capitais que criam uma rede de relações com a região. Devido a isso, conseguem estabelecer implicações diretas pessoais e não pessoais (ALSINA, 2009) para os moradores da própria cidade, dos habitantes dos pequenos centros e povoados vizinhos.

Além da tipologia construída acima, é possível encontrar nas cidades médias notícias nacionais e internacionais, capazes de conectá-las a centros urbanos de maior hierarquia. Verifica-se nesse tipo de cidade uma multiescalaridade noticiosa, relacionada às interações espaciais que se realizam *de* e *para* seu território (CORRÊA, 2007).

Considerando as distinções entre as notícias, perguntamos aos jornalistas se a produção noticiosa desenvolvida pelos veículos em que trabalhavam era local e/ou

---

regional. Para a maioria, a produção é local e regional, sendo que na opinião de alguns entrevistados o local predomina sobre o regional, como evidenciado na seguinte fala:

Fazemos os dois tipos de produção, com prioridade para o que é local. [...] Veja só, o telespectador de Imperatriz se você coloca muitas pautas de São Luís, por exemplo, e que não tem repercussão aqui, ele já reclama. [...] Então sempre buscamos priorizar as notícias locais, pois elas despertam maior interesse nas pessoas que estão nos acompanhando (J9, TV Difusora Sul, 2019).

Com base no reconhecimento pelos jornalistas de uma produção regional nos veículos de Imperatriz, abordamos a seguir os fatores envolvidos no processo de cobertura e atendimento das cidades da região.

O trabalho jornalístico envolvendo a produção de notícias e o atendimento das comunidades da região de Imperatriz é desenvolvido, majoritariamente, dentro das redações com o suporte do telefone, WhatsApp, e-mail e redes sociais. Desse conjunto, o WhatsApp é o principal canal de entrada das mensagens sobre outras cidades às redações. Pelo aplicativo, os moradores enviam suas demandas aos veículos e os profissionais, inseridos em grupos locais, ficam sabendo o que acontece nas cidades, conforme comentam os jornalistas:

Muita coisa a gente recebe hoje pelo WhatsApp. [...] O próprio público, quando é uma denúncia, entra em contato com a gente pelo aplicativo e solicita uma equipe. Não vou muito longe, semana passada nós fizemos uma reportagem, não foi eu, foi a colega que foi em Montes Altos para cobrir um açude que embarreirou em determinado ponto, que ia cortar uma estrada importante para o escoamento da produção agrícola e para a passagem de fazendeiros com gado. [...] Ficamos sabendo dessa situação porque os moradores mandaram vídeos por WhatsApp para a gente. Nós até poderíamos dar a informação só com os vídeos, mas enviamos a equipe para a cidade (J14, TV Mirante, 2019).

Com o WhatsApp recebemos várias demandas de outras cidades que a gente nem imagina que o sinal da TV Difusora Sul chega. Por exemplo, Sítio Novo do Maranhão estava há mais de dez dias sem água no mês passado, e os moradores de lá mandaram vídeos das pessoas carregando os baldes de água. Por meio desse vídeo, o apresentador fez o comentário no jornal, cobrou providências e o prefeito da cidade entrou em contato com a gente e deu a resposta (J12, TV Difusora Sul, 2019).

Após receber as primeiras mensagens, os jornalistas seguem utilizando o WhatsApp para fazer a apuração e checagem das informações. Eles conversam com as fontes, solicitam áudios, vídeos e fotos, que no caso das TVs são colocados “no ar”



---

quando a equipe não consegue se deslocar até a cidade. Quando há deslocamento para as cidades, o agendamento das entrevistas também é feito pelo aplicativo.

Mesmo que a equipe não vá até a cidade, [...] se acontece algo que seja de interesse público, a gente coloca uma nota com foto, nota coberta ao vivo. Alguém sempre manda vídeo, hoje com a internet facilitou muito esse trabalho por meio do WhatsApp. As pessoas mandam os vídeos, as fotos, a gente apura as informações, entra em contato com as partes responsáveis, pega as declarações e consegue fazer a nota e colocar no ar durante o jornal (J3, TV Mirante, 2019).

Durante o tratamento das mensagens recebidas por WhatsApp, as fontes oficiais e institucionais são as mais acionadas pelos jornalistas para a confirmação dos eventos em outras cidades e o aprofundamento das informações. Além do WhatsApp, a produção regional feita pelos veículos de Imperatriz conta com o apoio das assessorias de imprensa e departamentos de comunicação das instituições públicas – Ministério Público, Defensoria Pública Estadual, Polícia Civil e Militar – e de grandes empresas privadas – Suzano Papel e Celulose, Vale, Equatorial Energia, por exemplo. As assessorias atuam tanto no envio de *releases* sobre ações nas cidades do interior do Maranhão pelas entidades quanto no contato com as fontes oficiais.

As assessorias das prefeituras, conforme os entrevistados, praticamente não funcionam, ou “funcionam como puxa-saquismo, só para divulgar o que o gestor faz”, segundo um comentário. Uma exceção observada em algumas declarações foi a assessoria da prefeitura de Montes Altos, que desenvolve um trabalho mais ativo junto à mídia imperatrizense. O assessor de lá é um dos poucos na região formado em jornalismo (UFMA em Imperatriz).

A rede de contatos estabelecida pelos jornalistas também facilita a produção de notícias regionais em Imperatriz. Durante as entrevistas, dois profissionais disseram que mantêm diálogo frequente com os comunicadores das rádios comunitárias e de outros veículos da região para fazerem a cobertura dos acontecimentos nas cidades circunvizinhas do estado do Maranhão e Tocantins.

Nós temos vários parceiros nas cidades aqui da região Tocantina – em Augustinópolis (TO) nós temos o Paulo Palmares, Araguatins (TO) nós temos Eliezer Almeida, na condição de correspondentes, só como exemplos. Também nos municípios contamos com o apoio das emissoras comunitárias, cujos apresentadores nos informam quando o acontecimento é interessante. Cada cidade dessas tem uma emissora de rádio ou uma repetidora de televisão, tem sempre alguém que cuida da comunicação e que mantém contato conosco. A gente firma parceria,

---

aquele *feedback* onde eles nos passam informações de lá, e a gente repassa as daqui que são de interesse de lá (J8, TV Nativa, 2019).

O aproveitamento de material de outras emissoras afiliadas pelas TVs, de *sites* e assessorias pelos jornais impressos é outro recurso adotado pelas redações para suprirem o espaço das notícias regionais. Um jornalista (J9, da TV Difusora Sul) demonstra essa situação ao comentar: “A gente tem pautas aqui que vão ao ar ‘Na Hora D’ produzidas pela equipe de São Luís e por outras filiadas da rede em qualquer outra cidade do Maranhão” (J9, TV Difusora Sul, 2019).

Os deslocamentos até outras cidades para o acompanhamento *in loco* dos acontecimentos são mais raros nos jornais impressos e acontecem em situações factuais de grande impacto, crimes ou tragédias, como garante um jornalista do jornal *O Progresso*:

Só deslocamos algum jornalista para fora quando há fatos importantes, como esse que houve do assassinato do prefeito de Davinópolis. [...] Agora, quando a notícia é de menor impacto, aí a gente procura outros meios, através de colegas que militam nessas outras cidades, a gente liga, pede que eles mandem alguns dados por WhatsApp e aqui a gente trabalha a matéria (J5, Jornal *O Progresso*, 2019).

Nas emissoras de televisão é mais frequente a ida das equipes para outras cidades, sobretudo aquelas que estão nos arredores de Imperatriz, como Açailândia, João Lisboa, Senador La Roque, Buritirana, Ribamar Fiquene, Davinópolis e Governador Edison Lobão. “Por ser uma distância pequena, a gente consegue ir bastante até as cidades vizinhas. [...] A gente manda, por exemplo, uma equipe lá em João Lisboa pela manhã, a equipe vai e volta e a matéria está no ar meio dia” (J9, TV Difusora Sul, 2019). Deslocamentos mais distantes também acontecem, mas não regularmente, apenas em casos de coberturas factuais ou de reportagens turísticas.

Essa realidade de deslocamentos eventuais ou limitados ao conjunto de cidades mais próximas geograficamente de Imperatriz está relacionada a uma das principais dificuldades para o desenvolvimento da cobertura regional apontada pelos jornalistas: as equipes enxutas.

Falta uma equipe maior para atender tanto as cidades da região quanto Imperatriz, que por si só já nos oferece diariamente inúmeros fatos que rendem notícias. [...] Com a equipe que temos hoje não conseguimos dar conta de tudo. [...] A gente lamenta por isso, pois o ideal seria estar mais presentes nos municípios mais distantes, na região do Bico do Papagaio, trazer notícias lá de Praia Norte que nos acompanha, de

---

Araguatins, enfim. Mas temos essa dificuldade de pessoal (J9, TV Difusora Sul, 2019).

Ainda em relação às organizações, os jornalistas destacaram como dificuldade para a produção regional o acúmulo de funções, a falta de tempo, as questões financeiras envolvidas nos deslocamentos para outros municípios da região, especialmente os mais afastados das sedes das empresas.

No contexto das cidades, o entrevistado J7, do jornal *Correio*, citou como obstáculo à cobertura jornalística as condições das tecnologias da informação e comunicação. “Tem algumas cidades que não pega celular direito, não pega internet direito. Então tudo isso dificulta no momento de confirmar alguma informação, de trazer informação até a gente” (J7, jornal *Correio*, 2019). Por sua vez, J10, da TV Difusora Sul, assinalou a escassez de jornalistas com formação nas cidades do interior.

A falta de profissionais de jornalismo com formação acaba dificultando quando a gente precisa usar um correspondente ou falar com alguém de alguma dessas cidades, pois as pessoas que estão envolvidas com a comunicação, mesmo que trabalhem há muito tempo na área, tem dificuldade com texto, com formato da matéria (J10, TV Difusora Sul, 2019).

Apesar de a maioria dos entrevistados admitir a existência de dificuldades para a produção regional, especialmente no que diz respeito aos deslocamentos, alguns deles reforçaram que a internet facilitou o trabalho de atendimento às populações da região. “[...] Hoje a internet ajuda demais a gente a cobrir as notícias dessas cidades. Então é algo que a gente não pode ignorar de forma alguma” (J16, TV Nativa, 2019). Nesse cenário, o WhatsApp e as redes sociais via grupos, páginas e perfis das cidades favorecem o acompanhamento da vida cotidiana desses locais pelos jornalistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos depoimentos dos jornalistas imperatrizenses, chegamos às seguintes conclusões: a) as notícias locais são diferentes das regionais, sendo o “local” voltado para a cidade (Imperatriz) e o “regional” para outras cidades da região; b) os veículos imperatrizenses apresentam notícias de escalas diferentes - locais, regionais, estaduais, locais-estaduais e as locais-regionais ou “polarizadoras”, além das nacionais e internacionais, capazes de conectar a cidade média com os centros urbanos de maior hierarquia.

---

Sobre a rotina de cobertura regional, percebemos que o WhatsApp, além de ser uma das principais ferramentas utilizadas nas redações brasileiras, é um elemento chave na cobertura regional e atendimento das populações vizinhas de Imperatriz. Seu uso faz parte do processo de reconfiguração da produção noticiosa para o exercício de uma prática mais ágil e de fácil acesso às fontes e acontecimentos de modo instantâneo. Esta é a versão positiva mais popular entre os profissionais. Em paralelo, Grohmann (2021) aponta o mesmo cenário como dependente de plataformas de trabalhos, com a utilização do WhatsApp reforçando práticas de comodismo ou da conhecida metáfora do ‘jornalista sentado’. (NEVEU, 2006; PEREIRA, 2004).

Se antes era complicado o jornalista ‘levantar’ para ir às cidades vizinhas, agora é mais difícil. Por isso os depoimentos dos jornalistas de Imperatriz convergem principalmente para a chegada da ferramenta como solução para a cobertura regional, porque raramente esta existia. Antes da ferramenta tecnológica, boa parte das localidades do entorno eram invisíveis, salvo em caso de fatos de extremo interesse público, como tragédias e mortes de personalidades. Será que o caso da falta de água na cidade de Sítio Novo do Maranhão, conforme relatado anteriormente, teria chegado a ser pautado no programa Na Hora D? Provavelmente não.

Por outro lado, a presença do WhatsApp nas redações favorece o recebimento de uma alta demanda de informações das cidades vizinhas e, conseqüentemente, um desperdício de tempo dos jornalistas para, primeiramente, selecionar o que é noticiável ou não e depois checar a procedência, evitando assim cair nas armadilhas das *fake news*. Um áudio sem identificação informando transtornos em atendimento hospitalar local torna-se uma peça estressante de apuração: quem encaminhou é a fonte? Se não é, de quem é a denúncia? São pequenos dramas ocasionados na maioria das vezes pela falta de clareza dos moradores de comunidades locais, que agem de modo intuitivo no trato com os meios de comunicação. Isto é, informando aquilo que ‘espanta’, que incomoda a rotina, sem necessariamente saber se seria o jornalismo o canal apropriado para resolução de determinadas problemáticas.

Como não há protocolos ou manuais com orientação do uso do WhatsApp, a cada jornalista cabe enfrentar a rotina da melhor forma possível. Daí os relatos de participação em tantos grupos e a exposição da conta pessoal. Desse imbróglio, focando na capacidade de influência regional de Imperatriz e na potencialidade do WhatsApp, concluímos que há um sub aproveitamento da ferramenta, pois é utilizada praticamente para o

recebimento de pautas, checagem das mesmas e agendamento de entrevistas quando se constata a necessidade da presença do jornalista, sempre uma postura passiva. Não se verifica uma produção ativa que pense pautas para o entorno além do factual. Alguns jornalistas até tentam formar um banco de fontes regionais, mas estes raramente são procurados para iniciativa jornalística de investigação. O raio de cobertura das emissoras, o porte de Imperatriz e a audiência das cidades vizinhas são argumentos suficientes para inclusão da pauta regional.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. **Territórios do jornalismo**: Geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

ALSINA, Rodrigo MIQUEL. **A construção da notícia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

DEOLINDO, Jacqueline. **Regiões jornalísticas**: uma abordagem locacional e econômica da mídia do interior fluminense. Tese (Doutorado). 361 f. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

\_\_\_\_\_. **Cidade e indústrias de mídia**: distinções entre metrópole e interior. In: Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DURTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62-83.

FADUL, Anamaria. Mídia Regional no Brasil: elementos para uma análise. In: FADUL, Anamaria; GOBBI, Maria Cristina. **Mídia e região na era digital**: diversidade cultural, convergência midiática. São Paulo: Arte & Ciência, 2006, p. 23-40.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GASKELL, George. **Entrevistas Individuais e Grupais**. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 64-89.

GROHMANN, Rafael. **Trabalho Digital**: o papel organizador da comunicação. In: Revista Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v. 18, n. 51, p. 166-185, jan/abr. 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MICK, Jacques; CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel Pantoja. Para pensar a crise no jornalismo, um olhar para a governança social. In: MICK, Jacques; CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel Pantoja (Orgs.). **Jornalismo local a serviço dos públicos**: Como práticas de governança social podem oferecer respostas às crises do jornalismo. Florianópolis, SC : Editora Insular, 2021, p. 8-12.

NEVEU, E. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

---

PEREIRA, F. H. **O Jornalista sentado e a produção da notícia on-line no Correio Web.** Revista em Questão, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan/jun. 2004.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Mídia regional e local:** aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo, v. 1, n. 38, p.67-84, 2005.

PINTO, Pâmela Araújo. **Mídia regional brasileira:** Características dos subsistemas midiáticos das regiões Norte e Sul. 2015. 337 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2015.

REIS, Thays Assunção. **Jornalismo Regional:** uma leitura a partir dos critérios de noticiabilidade do jornal O Progresso. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 15 Nº 1, 2018, p. 62-72.

\_\_\_\_\_. **A cidade de notícias:** um estudo do jornalismo de influência regional de Imperatriz no Maranhão. 2022. 257 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.